



NARRATIVAS FEMININAS EM UMA CIDADE DA AMAZÔNIA

Carlos Eduardo S. de Carvalho¹

Este artigo trata de narrativas de vida e de vivências de mulheres na cidade de Lucas do Rio Verde-MT. Esta é uma das muitas cidades surgiram às margens da BR-163 (Cuiabá - Santarém) e são cidades que se desenvolveram em conseqüências do processo de colonização nas três últimas décadas do século XX em Mato Grosso.

Quando referimos aos relatos femininos estamos tratando de entrevistas concedidas por mulheres que residem na cidade de Lucas do Rio Verde. Essas entrevistas foram coletadas em 2006 e narram as suas experiências, suas histórias de vida desde que chegaram à região no início década de 80. Refletir sobre as trajetórias dessas mulheres é possibilitar visibilidade, dar voz a uma história silenciada por um discurso construído para dar ao colonizador a postura de pioneiro e alimentar assim o mito do homem aventureiro, corajoso, desbravador, o bandeirante do século XX. Da mesma, forma realimentar o mito do “Eldorado”, da terra rica e próspera, onde somente não se tornava rico aquele que não trabalhava. Nessa história de aventuras, de desbravamento, de pioneirismo não houve espaço para a história das mulheres ou não foi permitido ou não foi dado a elas o direito de falar sobre si, ou de si, de seus sonhos. As fontes documentais que tratam de suas vivências, de suas histórias e experiências são dispersas, fragmentadas e em quantidade irrisória. Dessa forma as entrevistas são particularmente importantes para a recuperação da história da vida e dos sonhos dessas mulheres que habitam nessas novas cidades da Amazônia mato-grossense.

Michelle Perrot em seu livro “As mulheres ou o silêncio da História” afirma:

“O volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres variam conseqüentemente ao longo do tempo. Eles são por si mesmos indícios de sua presença e sinal de uma tomada da palavra que se amplia e faz recuar o silêncio, às vezes tão intenso que chegam a nos perguntar: “Uma história das mulheres seria possível?” O que implica em um outro uso das fontes que se deve buscar, ler diferentemente, suscitar até mesmo para os períodos recentes, como a história chamada de “oral” tentou fazer.”²

Na mesma obra a citada autora nos propõe o caminho para superar ou tentar superar as dificuldades advindas do volume e da natureza das fontes “das” e “sobre” as mulheres. Diz Perrot:

“E na falta de testemunhas escritas, procurou-se surgir o testemunho oral.”³

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutorando na Universidade de São Paulo.

² PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005. pags 13 e 14.

³ PERROT, 2005, p.42.



Com o objetivo de superar as dificuldades encontradas, no que se refere à escassez das fontes documentais, para narrar as experiências vividas por mulheres nessas cidades de colonização recente, optou-se por utilizar a metodologia da História Oral conforme nos diz Rachel Soihet: “Ressalta-se, também, a história oral, instrumento dos mais adequados para registrar a memória feminina...”⁴ Ao definirmos pela utilização das fontes orais foram levadas em consideração as reflexões desenvolvidas por Regina Beatriz G. Neto sobre o assunto. Diz a autora “É preciso dispensar às fontes orais o mesmo rigor crítico utilizado no trato de outras fontes documentais.”⁵

A autora citada afirma que é necessário investigar as condições de produção do documento; situar a testemunha e perceber a constituição de uma determinada intriga histórica e “destacar as questões técnicas das entrevistas e o processo construtivo da fonte oral relacionado com o interesse do “autor” e do próprio depoente, que supera a questão meramente técnica”⁶

Regina Beatriz G. Neto chama a atenção para dois aspectos importantíssimos para a reflexão da relação entre fonte oral e a história. Afirma a autora. “Primeiro, é necessário reconhecer que a fonte oral não é o outro da fonte escrita: fazem parte, tanto uma quanto à outra, do sistema escriturário moderno...” e continua. “O segundo aspecto a considerar é a relação da fonte oral com o tempo, o que coloca em relevo a memória histórica”⁷

Essa memória que não é cronológica relata acontecimentos que estão “abertos às múltiplas leituras” o tempo da memória como nos diz Antonio Montenegro “é o tempo de experiências”.

Assim sendo a memória é importantíssima na construção da história de vida, na história de vida dessas mulheres que vivem nessas novas cidades da Amazônia.

A Colonização em Mato Grosso e o Surgimento das Novas Cidades

Na década de 70, o governo militar traçou novas estratégias visando à ocupação e o desenvolvimento da Amazônia. Pensando principalmente em diminuir a tensão nos estados do sul no que se refere à questão da terra. Os anos 70 são também marcados pela construção de estradas federais e pelos incentivos fiscais com a finalidade de incrementar a colonização na região Amazônica.

⁴SOIHET, Raquel. *História das Mulheres* In. Cardoso, Ciro F. e Vainfas, R. (orgs.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1977, p.296.

⁵GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde: política de Colonização no Brasil Contemporâneo*. Cuiabá: Unicen/UNESCO, 2000. p.100.

⁶Idem, p. 101/102.

⁷GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.p.47



As frentes agrícolas deslocavam-se no mesmo sentido em que estavam sendo abertas essas rodovias. Em Mato Grosso são as Br. 163 (Cuiabá – Santarém) e 364 (Cuiabá – Porto Velho). Até 1978, o Incra, (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) não havia implementado em Mato Grosso nenhum projeto de colonização oficial. No final da década de 70, o Governo Federal, através do Incra, propõe implantar em Mato Grosso os Projetos de Assentamentos Conjuntos (PACs) com recursos federais e de iniciativa privada.

- a) De acordo com o que nos informa Sueli Pereira de Castro em a Colonização Oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade. “Os objetivos do Incra para estes projetos eram: proporcionar ao colono acesso à propriedade de um lote rural através do crédito fundiário, integrando um projeto de colonização que assegurasse nas condições mínimas de infra-estrutura física, social e econômica necessárias a exploração agrícola e para garantia de condições de subsistência da família, bem como sua promoção social e econômica.
- b) Aliviar as tensões sociais e políticas nos estados do sul – Ronda Alta
- c) Agilizar a desocupação de reservas indígenas no sul do país e em Mato Grosso
- d) Promover e agilizar o processo de povoamento das grandes “bacias demográficas” da Amazônia Mato-grossense, com a ocupação do território através de programas de colonização, ordenando o fluxo migratório.
- e) Promover e acelerar o desenvolvimento social e econômico da Amazônia”⁸.

Para tanto foram então elaborados vários projetos de colonização em Mato Grosso. Para esta comunicação o projeto que nos interessa é o PAC Lucas do Rio Verde de 1981, localizado no município de Diamantino.

Esse projeto foi desenvolvido as margens da BR-163, à 230 Km de Cuiabá a 180 Km de Diamantino. Foram 215.000 ha de área total para serem assentadas as famílias. Entretanto 65.000ha.

Já estava ocupada por posseiros ficando 150.000 ha para o assentamento de colonos vindos do sul. Os lotes eram de 200 ha sendo 50% para exploração e 50% para reserva legal. Esse assentamento se destinava aos agricultores sem terra em conflito no Rio Grande do Sul. Entre setembro e novembro de 1981 chegaram a Lucas do Rio Verde as primeiras famílias. Lucas do Rio Verde tornou-se município em 24 de julho de 1988.

⁸ CASTRO, Sueli Pereira; BARROZO, João Carlos; COVEZZI, Marinete e PRETI, Oreste. A colonização oficial em Mato Grosso: A nata e a borra da sociedade. Cuiabá: EdUFMT, 1994, p.67.



Alguns relatos de mulheres

A memória e a história de vida das mulheres, nas cidades que brotaram no médio norte de Mato Grosso no início da década de oitenta, foram de alguma forma silenciadas. Suas lembranças não fazem parte da história dessas cidades, não foi permitido a elas expressarem seus desejos, suas vontades, suas angústias, suas vivências e seus sonhos.

O universo da colonização foi sempre descrito como um universo masculino ou que se imaginava masculino, do pioneiro.

Quando D. Rose, no livro “Lenda do Ouro Verde” de Regina Beatriz G. Neto, nos revela que “*era só peão que tinha*”⁹ e mais adiante afirma “...*eu estava sozinha porque não achava mulher ...*”¹⁰, podemos concluir, a princípio, que a presença feminina era bem menor que a masculina mas pela própria existência da D. Rose comprova a participação da mulher no universo da colonização. O que existe de fato é um discurso construído pelo colonizador que exclui outros sujeitos dessa história, que não são apenas as mulheres.

No mesmo livro Regina Beatriz afirma: “*A história de D. Rose, concentrada de tensões, expressa o papel atuante das mulheres em espaços sociais reocupados*”.¹¹ Esses espaços reocupados são as cidades que emergem do processo de colonização pelo qual passa o estado de Mato Grosso e as cidades como a de Lucas do Rio Verde.

Tomando por pressuposto os relatos da obra referida anteriormente é possível afirmar que as mulheres tiveram, no passado recente, e, tem hoje, um papel muito mais importante no processo de ocupação do norte de Mato Grosso do que nos faz crer um primeiro olhar sobre a literatura existente sobre a colonização.

Os relatos orais colhidos na cidade de Lucas do Rio Verde nos revelaram que as mulheres foram sujeitos tão importantes quanto os homens nesse processo de ocupação dessa área da Amazônia. São narrativas que descrevem com detalhes suas vivências desde o momento da chegada até os dias atuais. Proponho aqui analisar, a partir das narrativas de duas mulheres alguns aspectos de suas experiências, de suas histórias de vida. Busco recuperar, nas memórias dessas colaboradoras, aspectos que julgo importantes com o objetivo de desvendar outra trama histórica, a história de vida de mulheres num espaço em que a história é construída sem se quer mencionar a presença da mulher.

⁹GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A lenda do Ouro Verde: política de Colonização no Brasil Contemporâneo. Cuiabá: Unicen/UNESCO, 2000, p. 59.

¹⁰GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz, Op. Cit, 2000, p. 61.

¹¹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz, Idem, 2000, p. 63.



Neste texto utilizo as entrevistas de duas mulheres que chegaram a Lucas do Rio Verde na década de oitenta, ainda muito jovens. Ambas nascidas no sul do país. Dona Marisa com 16 anos e Dona Maria Berenice com 11 anos. A primeira nasceu em Santa Catarina e a segunda no Rio Grande do Sul.

D. Berenice chegou a Lucas do Rio Verde em 1984, após *“cinco dias na estrada para chegar aqui, em cima de caminhão”*. Segundo a entrevistada a pior parte da viagem foi de Cuiabá a Lucas do Rio Verde, pois foram 355 quilômetros de estrada sem asfalto e com diz D. Berenice *“o que nunca me fugiu da memória assim é que era muita poeira”*.

O que motivou a vinda das duas para a cidade de Lucas do Rio Verde foram razões diferentes. D. Berenice veio acompanhando os pais *“vieram comprar terras aqui, venderam o pedaço de terra que tinham lá e vieram pra cá comprar terras aqui e eu vim com os meus pais”*.

Diferentemente, D. Marisa, chegou à cidade para visitar o namorado, que já morava em Lucas, pois seu futuro marido era filho de um agricultor que havia chegado à região *“em busca de grandes áreas de terra, de uma melhora de vida que às vezes é ilusão”* conforme nos contou a mesma

Em seus relatos orais, as duas entrevistadas descreveram as suas primeiras impressões sobre a cidade. *“Na época a cidade tava recém começando né. Tinha na verdade, quando chegamos aqui trinta e cinco casas no município de Lucas do Rio Verde”*. Para D. Marisa a *“cidade era feia, extremamente feia, ela não tinha asfalto, ela não tinha nenhum planejamento, as casas eram feias, sem pintura, nada chamava a atenção...”*.

As dificuldades não eram apenas referentes ao tamanho ou a beleza estética da cidade. Existiam problemas bem maiores como apontaram as depoentes. D. Berenice recorda as dificuldades dos primeiros tempos. *“... a infra-estrutura também da época... a água a gente tinha que puxar do poço”* e aqui era muito precária... no município complementa. *“Energia elétrica não tinha. Em alguns casos era instalado um motor estacionário... tinha energia só para luz, para iluminação mesmo, não dava pra ligar uma geladeira, um freezer, era só para iluminação e uma televisão no máximo”* e segundo ela mesma, *“essa energia era fornecida por algumas horas normalmente escurecia ligava o motor e ficava até o horário das dez, dez e meia o que normalmente a gente ia dormir, desligava...”*.

No relato de D. Marisa, as dificuldades dos primeiros tempos são mais complexas, talvez por ser mais madura na época em que chegou a Lucas do Rio Verde em 1988. *“Depois do casamento nós fomos morar na zona rural que era a fazenda do meu marido, dos pais dele. Aí sim,*



a ficha caiu, começaram as dificuldades”. Dificuldades essas tanto pessoais quanto às ligadas as questões do financiamento da produção agrícola e a infra-estrutura da cidade. Diz D. Marisa “... a primeira dificuldade muito grande que a gente viveu foi à perda do filho que eu estava grávida, até porque, o motivo principal foi à questão do atendimento médico que era muito carente naquela época, as condições médicas eram muito precárias”.

Sobre as outras dificuldades, relata D. Marisa. “Tinha muita dificuldade... a questão da produção é difícil, o custo é elevado, nem tudo é o que parecia ser. Então começaram as dificuldades financeiras também. Meu sogro começou a vender um pouco de terra, maquinários e eu e meu marido tivemos que começar também a pensar em trabalhar, foi aí que meu marido achou um serviço numa fazenda vizinha” e para D. Marisa apareceu uma oferta de trabalho “... surgiu a oportunidade de eu começar a dar aula”.

Quanto à questão do trabalho, D. Berenice também começou a trabalhar cedo, aos onze anos, na mercearia de sua mãe, enquanto o seu pai trabalhava na agricultura a “*minha mãe montou uma mercearia aqui em Lucas do Rio Verde nos ajudávamos (...) a gente trabalhava de dia e estudava a noite*”.

Apesar de todas essas dificuldades narradas pelas duas depoentes, com o passar dos anos essas dificuldades serviram como experiência de vida, vivência para as duas, que hoje se referem a esses momentos como período que “*ajudou assim a amadurecer*”, como relatou D. Marisa. Para D. Berenice esse período foi um tempo de “*muita batalha, muito trabalho, de vontades, de sonhos...*”.

D. Marisa nos relatou ainda que, devido às dificuldades financeiras, acabou ajudando no sustento da casa com o seu trabalho. “*Surgiu a então a oportunidade de eu começar a dar aula em escolinhas na zona rural*”. Em outro momento do seu relato a mesma depoente diz: “*A gente acabou tendo sucesso financeiro.*”

O mesmo aconteceu com outra depoente que não quis ser identificada, mas que nos deu um longo relato. Que também devido a desentendimentos familiares, entre pai e filho, na condução dos negócios da família, o filho deixa o trabalho com o pai e é a sua esposa que sustentará a casa por algum tempo.

Essas duas depoentes relatam um fato comum que aconteceu com ambas em cidades diferentes, mas na mesma região e descrevem seus problemas financeiros.

Apesar de muitas dificuldades, algumas mulheres nos relataram que, apesar da vida difícil, do começo muito penoso elas estão bem sucedidas.



Relata D. Maria Berenice, que chegou a Lucas do Rio Verde aos onze anos em 1984, aos dezesseis estava casada e hoje tem 34 anos é divorciada, proprietária de lojas na região.

Diz D. Maria Berenice: “...comecei trabalhando com muito pouco e lutei, lutei muito durante esse tempo, fui crescendo profissionalmente, as minhas lojas cresceram também.”

E diz mais: “...consegui fazer minha casa, isso mesmo tendo me separado na época sozinha, e lutando, lutando muito consegui fazer minha casa e to bem.”

Esses relatos de história de vida de mulheres são o início das nossas pesquisas. São os primeiros resultados das reflexões que obviamente precisam ser mais bem trabalhadas. Mas já demonstram que existe nessas novas cidades da Amazônia de uma história que precisa ser contada, relatada – são as histórias de vida e sonho de mulheres.

REFERENCIAS

CASTRO, Rosimeire Angelini. *Identidade, papéis e representações: Historia das Mulheres em Londrina*. In. LAMB, Roberto E. & LEANDRO, Jose A.(org.) *Historia e Cultura: V Encontro Regional de História*. Ponta Grossa, 1997.

CASTRO, Sueli Pereira; BARROZO, João Carlos; COVEZZI, Marinete e PRETI, Oreste. *A colonização oficial em Mato Grosso: A nata e a borra da sociedade*. Cuiabá: EdUFMT, 1994.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde: política de Colonização no Brasil Contemporâneo*. Cuiabá: Unicen/Unesco, 2000.

_____. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

_____. “A arte da memória”. *Revista Historia & Perspectiva, Uberlândia*(23):99-114, jul./dez.2000.

_____. *Territórios de ocupação recente na Amazônia*. In. CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de S. e MIRANDA, Leonardo A. (orgs.) *Historia em Cousas Miúdas: capítulos de historia social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *Oficina de Memória Petrobras: A importância da Historia Oral como fonte para a pesquisa histórica*. Recife: Dez. 2004.

PERROT, Michele. *As mulheres ou o silêncio da História*. Bauru, SP: Edusc. 2005.

SOIHET, Raquel. *Historia das Mulheres* In. Cardoso, Ciro F. e Vainfas, R.(orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1977: p.275-296.

Fontes Orais



BERTH, Maria Berenice: entrevista [mai. 2006]. Entrevistador: Carlos Eduardo S. de Carvalho. Lucas do Rio Verde: residência da colaboradora

LUCINI, Marisa: entrevista [mai. 2006]. Entrevistador. Carlos Eduardo S. de Carvalho. Lucas do Rio Verde: residência da colaboradora.

Resumo

A presente comunicação discute a relação entre memória feminina, colonização e trajetória de vida de mulheres em uma cidade da Amazônia mato-grossense e ao mesmo tempo mostra a importância da História Oral na tarefa de romper o silêncio feminino.